

Vídeo: *Dom*, a síntese romântica de *Dom Casmurro*, por Fernanda Verdasca

“Os velhos olhos vermelhos voltaram, de vez...” – a música ecoa em nossa mente, não só porque ela é a trilha sonora do filme brasileiro *Dom*, mas também, e principalmente, porque os velhos olhos vermelhos a chorarem um amor minado pelo ciúme fazem parte da vida de qualquer romântico. No filme, Bento (Marcos Palmeira) também fora romântico e desta época é que vem o seu amor por Ana (Maria Fernanda Cândido). Machado de Assis (que deveria dispensar explicações) também escreveu com seus olhos vermelhos, foram os romances *Helena*, *Iaiá Garcia* e *Ressurreição*. Porém, o que a luz cinematográfica deixa de mostrar é que Machado, o amadurecido escritor de *Dom Casmurro*, é Realista. E devemos lembrar disto “de vez”!

Um dos méritos do filme é inserir, logo no princípio, a conversa de dois personagens a resumir o pensamento de muitos brasileiros para com o nosso mentor da análise psicológica: “- Mas afinal: é Bento, ou é Dom?/ - Bento é o nome do personagem, ignorante./ - Eu li esse livro obrigada na escola, você acha que eu me lembro de alguma coisa? Vem cá, não é um que o personagem era corno?”

Diz o dicionário: “ignorante” é aquele que não tem instrução, não tem conhecimento, não tem, ainda, saber. Com o decorrer do filme, percebemos que o segundo mérito do diretor é ter o saber de que o texto de Machado não visa discutir se Bento foi ou não corno, como tantos se preocupam quando lêem “obrigados” o livro, mas sim como o ciúme pode, numa progressão assustadora, envenenar as nossas, e de Dom, ditas tão racionais mentes.

Porém, se o acerto se faz em revelar com sabedoria o dom do texto machadiano, o erro ocorre no último fechar dos olhos vermelhos. A opção encontrada para o final do filme o torna aceitável ao mundo *hollywoodiano*, mas é uma lágrima romântica que seria abominada pelo Casmurro realista de Machado.

Sendo assim, é necessário complementar as duas horas do filme com palavras do livro: “(...) não consegui recompor o que foi nem o que fui (...) falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo.” Ou seja, a luz da tela não é suficiente para nos mostrar a sabedoria machadiana, diria mesmo, que ela é um piscar de olhos chorosos cujas lágrimas caem em uma obra-prima literária.